

e a de persoas e figuras institucionais que funcionaron como agresoras lingüísticas ou como barreira para o normal desenvolvemento da lingua galega.

Bibliografía

- Costas, Xosé Henrique (coord.) (2009): *55 mentiras sobre a lingua galega*, Santiago de Compostela, Laiovento.
- García Negro, María Pilar (2021): *Galiza e feminismo en Emilia Pardo Bazán*, Santiago de Compostela, Alvarellos Editora.
- Mariño Paz, Ramón (1998): *Historia da lingua galega*, Santiago de Compostela, Sotelo Blanco.
- Monteagudo, Henrique (1999): *Historia social da lingua galega*, Vigo, Galaxia.
- Moreno Cabrera, Juan Carlos (2015): *Los dominios del español. Guía del imperialismo lingüístico panhispánico*, Madrid, Síntesis.
- Sánchez Vidal, Pablo (2018): “Os idiomas do estado español. Un enfoque sociolingüístico”. Anexo 77 de *Verba*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.

Plutarco, *Como deve o jovem ouvir os poetas?* (Trad., introd. e notas de Marta Várzeas), Coimbra, Imprensa da Universidade, 2022, 108 pp.

José Cândido de Oliveira Martins
Universidade Católica Portuguesa
cmartins@ucp.pt

Desde logo, refira-se que o volume em apresentação se integra na “Série Autores Gregos e Latinos” da Imprensa da Universidade de Coimbra, contando já com um considerável número de títulos neste domínio temático específico. Esta série é divulgada quer através de edições impressas, quer do suporte online (*Biblioteca Classica Digitalia*),

o que constitui por si só um verdadeiro exemplo de publicação académica e, conseqüentemente, um inestimável serviço à Cultura.

Ao mesmo tempo, pode perguntar-se: para quê editar autores gregos e latinos hoje? Entre muitas outras razões, porque as lições dos autores clássicos mostram-se intemporais, confirmando o seu poder formativo na cultura ocidental, da criação literária à educação e à ética. É o caso deste breve e cativante tratado de Plutarco (séc. I), uma das setenta e oito obras que constituem o conjunto das suas *Moralia*. Não se configurando como um tratado de crítica literária, as considerações nele contidas são bem pertinentes para a análise da poesia, bem como para reflexão sobre o seu estatuto e funcionalidade.

Além de notas copiosas e muito oportunas, esta bela edição de bolso, organizada por Marta Várzeas, proporciona-nos um estudo crítico fundamental, apresentando algumas questões essenciais para a boa leitura do texto de Plutarco, com destaque para o conteúdo e a estrutura, demonstrando um conhecimento de reconhecida especialista, aliás visível em outros estudos sobre o autor agora editado.

Para quê ler poesia, no passado como no presente? Central nesta pertinente reflexão introdutória é o cuidado de inserir o tratado do autor grego numa ampla preocupação eminentemente pedagógica. A audição pública da poesia ocupava um lugar relevante na cultura de então; e o estudo da poesia integrava o currículo dos jovens adolescentes, como subjacente a este tratado *De audiendis poetis*, na sua titulação latina. Aliás, um aspecto muito interessante desta exposição de Plutarco agora traduzida reside no modo como dialoga, intertextualmente, com ampla tradição filosófico-literária que o antecedeu.

Para o cabal entendimento do que Plutarco nos expõe é central a polémica aberta entre Poesia e Filosofia, tal como apresentada na *República* de Platão e solucionado na *Poética* de Aristóteles. A questão radicava na *natureza* do conhecimento proporcionado pela Poesia e, conseqüentemente, na sua *finalidade* – para que serve a Poesia? Horácio também pode ser integrado nesta tradição reflexiva acerca do estatuto da arte poética, quando na sua *Epístola aos Pisões* sintetiza as duas magnas funções da poesia – juntar o útil e o agradável (*utile dulci*), como reconhecido por Plutarco: “O mesmo se passa com a poesia: nela existe muita coisa agradável e proveitosa para a alma do jovem”. Afinal de contas, como aqui se assinala, grandes poetas como Homero foram vistos por muitos como verdadeiros filósofos.

No quadro de uma alargada *paideia*, à leitura da Poesia reconheciam-se potencialidades pedagógicas e mesmo um lugar propedêutico em relação à Filosofia. Em todo o caso, as observações platónicas continham sérias reservas, quer de natureza gnosiológica, quer de âmbito moral. Não ignorando o problema, Plutarco mostra-se categórico na associação destas duas formas de conhecimento: “Por isso, quem vai dedicar-se à Filosofia não deve fugir dos poemas; antes, é com os poemas que deve iniciar-se na filosofia, acostumando-se a procurar e a amar o útil no que é agradável”.

Além de formar o carácter e conduzir à virtude, a poesia desenvolve o gosto estético-literário dos leitores jovens, bem como os prepara para pensar filosoficamente através de faculdades críticas. Isso mesmo é expresso numa memorável analogia: “Tal como a abelha, segundo a sua natureza, encontra nas flores mais amargas e nos espinhos mais agrestes o mel mais doce e útil, assim também as crianças, se forem corretamente alimentadas com os poemas, até dos que são suspeitos de serem imorais e absurdos aprenderão a tirar, de uma maneira ou de outra, alguma coisa útil e proveitosa.”

Pronunciando-se sobre a natureza, a função e o estatuto da Poesia, esta cativante reflexão de Plutarco toma posição nesse intenso e continuado debate e reafirma a sua função edificante. Não sendo um tratado de teoria ou de crítica literárias, assume um diálogo intertextual sobretudo com Platão, superando as conhecidas acusações à natureza mimética da criação literária – enfatizando a “magia que a mentira poética possui” –, na feliz expressão de Plutarco. Deste modo, contrariando as críticas gnosiológica e moral de Platão, Plutarco insiste em afirmar que, enquanto arte mimética (análoga à pintura), a escrita dos poetas é uma “ficção poética e uma invenção para agradar e impressionar o ouvinte”. Aí radica fundamentalmente a cativante e instrutiva *verdade* da invenção poética.

Acentuando o poder psicagógico dos textos poético-literários, a poesia deveria integrar o percurso formativo dos mais jovens, por ser *útil* e proporcionar *prazer*, entre outras vantagens assinaláveis. Ao mesmo tempo que educam moralmente e dão prazer estético, os poetas devem ser olhados como educadores da sociedade. Pelo sugerido, deveria figurar no elenco das obras do Plano Nacional de Leitura (PNL) de qualquer país, proporcionando aos leitores adolescentes uma reflexão verdadeiramente enriquecedora a vários níveis.